

## 5 Conclusão

As publicações de livros com centenas de fotografias de Ferrez e artigos sobre o fotógrafo pelo neto Gilberto na década de 1980; a venda da coleção Gilberto Ferrez ao Instituto Moreira Salles, instituição com excelência em armazenamento e preservação de acervos fotográficos, capaz de realizar magníficas exposições e catálogos tanto no Brasil como no exterior; o recente e admirável trabalho de catalogação e doação do arquivo da Família Ferrez para o Arquivo Nacional, a exposição realizada pelo Centro Cultural do Banco do Brasil com fotografias dos descendentes de Ferrez e a digitalização disponibilizada pelo site da Biblioteca Nacional de álbuns inteiros de Marc Ferrez pertencentes à Coleção Thereza Christina Maria, proporcionam uma notoriedade extraordinária para Marc Ferrez.

No entanto, são raros os estudos acadêmicos dedicados ao homem que tanto contribuiu para a circulação em larga escala de imagens da cidade do Rio de Janeiro, das quais estudamos apenas uma parte. O conjunto de imagens analisado, no entanto, permitiu concluir que para além do valor estético e acima do valor de mercado alcançado por tamanha exposição, a obra de Ferrez merece maior atenção dos pesquisadores, e, em especial, dos historiadores, e que, como artefatos culturais, podem e devem ser usados como auxiliares para a produção do conhecimento social.

Na segunda metade do século XIX, em um tempo no qual as noções de ordem e civilização eram referências obrigatórias, as imagens de Ferrez atuaram em favor da manutenção da ordem estabelecida e em prol da difusão dos valores da civilização, muito ligados também ao conceito de progresso. O cenário para a difusão desses valores tão importantes para as elites que estavam à frente da construção do Estado imperial e depois para os governantes da República era a cidade-capital, o Rio de Janeiro, cujo valor simbólico suplantava qualquer outra região do território do Império ou da República. Nas fotografias de Ferrez em seus múltiplos suportes, percebe-se que o aspecto singular da natureza da cidade era parte desse simbolismo e a força de atração que essa natureza exercia era divulgada através de imagens que acabaram por se tornar paradigmáticas. A mudança

de regime político e o fim da escravidão em nada interferiam nas paisagens naturais de Ferrez feitas antes desse período. O espetáculo natural do Rio, nas fotografias, gravuras e cartões viajavam pelos recantos do território nacional, pelos continentes, preenchiam as coleções e formavam imaginários de uma cidade que representava toda uma nação.

A difusão de fotografias que tinham o trabalho dos negros escravizados como principal temática de certa forma também contribuía para difundir a noção de ordem, durante o reinado de D. Pedro II. O sistema era organizado pelo pilar da escravidão, e o trabalho dos negros, como os grupos políticos predominantes acreditavam, era fundamental para a manutenção de um país agrícola, de dimensões tão grandes, e com escassa população. Assim, mesmo que o regime já fosse condenado pelas potências européias e pelos americanos do norte, as fotografias dos grupos de escravos rurais continuaram a circular pelo menos até o início do século XX.

O Álbum da Avenida Central é um marco. O triunfo da noção de civilização é indiscutível na concepção desse monumento. Nas imagens que compõe o Álbum a natureza do Rio tem papel secundário. Vence a cultura. Em alguns dos postais da Avenida é possível ver uma pontinha do Pão de Açúcar escondido pelas novas construções. E cada edifício daquela Avenida teve um papel importante para elevar o papel de capitalidade da cidade, como mostram os postais de Ferrez que não só exibiam o conjunto daquele eixo central, mas nos quais se imprimiam prédio a prédio.

Nas edições de postais foram estampados muitos dos que eram considerados os símbolos culturais da cidade. Nessas imagens mesmo os aspectos da natureza ganhavam maior importância quando eram produtos do esforço de organização do espaço promovido pelos homens, como mostra a importância de divulgação de imagens do Jardim Botânico e dos paisagismos do Passeio Público e do Campo da Aclamação. Foi também fundamental a difusão pelas imagens dos novos símbolos da República.

As conquistas de Marc Ferrez podem ser em parte avaliadas pela comparação entre o inventário *post mortem* de seu pai e o próprio. Zeferino ao morrer, embora tenha deixado dois imóveis, maquinário, mercadorias e treze escravos, deixou muitas dívidas e muitos herdeiros; Marc incluído entre os três menores de idade. Quando morreu, Marc Ferrez deixou apenas

dois descendentes, casados e bem encaminhados na vida profissional. Entre os bens constavam propriedades, títulos, conta pessoal, que resultaram em muitos contos de réis de herança, divididos amigavelmente entre os dois filhos. A instabilidade dos tempos de Zeferino e a morte precoce do casal Ferrez não resultaram no fracasso de seu filho mais novo. O cenário mortífero da cidade, trágico para a infância de Marc Ferrez, não se revelou traumática, pelo menos não se reflete no seu comércio consolidado no Centro da Cidade e nem na obra que ele difundiu mundo afora ao longo de um dos períodos mais significativos da história. O Rio de Janeiro das fotografias de Marc Ferrez reunia elementos de uma cidade sem vícios: a beleza das montanhas, a pureza das águas, os marcos arquitetônicos e civilizatórios, o papel portuário e comercial da cidade têm destaque nas vistas, nos panoramas e em suas reproduções no período de atuação de Ferrez e que certamente, espalharam-se em meios e formas de difícil apreensão tal a extensão dessa difusão. As diferentes leituras feitas pelo multifacetado público daquele universo visual talvez ultrapassem os nossos esforços de interpretá-los. Mas certamente elas contribuíram para atrair as pessoas e os negócios para o Rio de Janeiro, muito mais do que para afastá-los.